

CRISTO, O MEDIADOR

CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE 1689 - CAPÍTULO 8

(ENCONTRO PREVISTO PARA 09 DE JULHO DE 2017)

INTRODUÇÃO

A afirmação do apóstolo Paulo de que “há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, ...” é o mais claro fundamento dessa doutrina. Entretanto, dela derivam, quando nos dedicamos a entendê-la, algumas perguntas que os crentes devem fazer, se querem alcançar a vida eterna, a qual consiste em que *“conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus, a quem enviaste”* (Jo 17:3).

De todas as perguntas que se podem fazer, destacaremos as seguintes, como mais relevantes, para conduzir-nos neste estudo:

- Por que há necessidade de um mediador entre Deus e os homens?
- Por que Jesus é o único mediador entre Deus e os homens?
- Por meio de que ofícios Jesus media a relação entre Deus e os homens?
- Como nos aproveita a mediação de Jesus?

Dado que este é um estudo da Confissão de Fé Batista Londrina de 1689¹, é nela que iremos buscar as respostas para nossas perguntas. Entretanto, como a CFB 1689 é apenas uma referência teológica para nossa aproximação às Escrituras, única régua (*regra*) de fé, também nós devemos perceber que as afirmações que encontramos nela são provadas pelos textos das Escrituras que acompanham cada conjunto de afirmações. Não que cada texto, por si e isoladamente, tenha autoridade final, mas porque entendemos, como nossos irmãos ingleses do século XVII, que são evidências cabais do ensino de todas as Escrituras.

¹ Veja PDF anexo, com o texto do capítulo 8 da CFB 1689, com os respectivos textos bíblicos de referência.

POR QUE HÁ NECESSIDADE DE UM MEDIADOR ENTRE DEUS E OS HOMENS?

O último item (10) deste capítulo traz algumas pistas para a resposta a essa questão (é bom que nos lembremos de que este é apenas um capítulo e que aquilo que se afirma aqui deve estar em perfeita harmonia com as demais partes desta Confissão).

Naquele item, há algumas afirmações a respeito de nossa natureza e estado: ignorância, alienação de Deus, imperfeição de nosso serviço, rebeldia e escravidão. Ora, todas essas coisas se resumem na palavra pecado, a causa de nossa Queda².

Da Queda, resultou que o homem foi destituído da glória de Deus – desde aquele momento, no Éden, em que Adão desobedeceu, não é mais possível ao Homem e a Deus manterem uma relação direta, sem intermediação. Isto resultaria em profanação da glória de Deus, de um lado, e em imediata destruição do Homem, por outro.

O motivo básico da necessidade de um mediador, então, é a indignidade do Homem, por causa do pecado, que impede sua subsistência na presença de Deus e, ainda mais, qualquer tipo de relacionamento, porque *“do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens”* (Rm 1:18). E a ira de Deus se manifesta como morte, porque *“o salário do pecado é a morte”* (Rm 3:23), desde que *“no dia em que dele comeres, certamente morrerás”*.

Por graça, Deus se mantém *“deus abscondito”*, inacessível ao Homem... exceto por meio de um mediador. De fato, é de graça que dá testemunho o salmista, quando afirma: *“esconde a tua face dos meus pecados”* (Sl 51:9), porque *“somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor somos angustiados. Diante de ti puseste as nossas iniquidades, os nossos pecados ocultos, à luz do teu rosto”* (Sl 90:7,8).

² Conferir o PFD sobre o capítulo 5 da CFB 1689, de 30.04.17.

POR QUE JESUS É O ÚNICO MEDIADOR?

A CFB 1689 afirma, no capítulo que estamos estudando, a antiga doutrina cristã a respeito de Cristo: sua participação na Trindade e suas duas naturezas, divina e humana, coexistindo perfeitamente.

De fato, faz sentido que seja assim, porque não fora como afirma essa doutrina antiga, não poderíamos depositar nossa esperança na mediação de Jesus em nossa relação com Deus.

Ele é o único Mediador exatamente porque Ele é o único, no céu e na terra, que reúne, em si, as condições plenas para exercer esse serviço, da parte de Deus e em nosso favor.

Ele é a *“Segunda Pessoa da Trindade, - sendo o próprio Deus eterno, o resplendor da glória da Pai, da mesma essência e igual ao Pai”*. Mas, quando, concebido pelo Espírito Santo, nasceu de mulher, *“da tribo de Judá, da descendência de Abraão e Davi”*, ele assumiu plenamente a natureza de Homem, completa em *“todas as suas propriedades essenciais e fraquezas comuns – porém, sem pecado”*. E isto se deve porque, não sendo concebido por um homem, mas pelo Espírito de Deus, no ventre de Maria, ele não foi contaminado pelo pecado de Adão, no qual todos caímos.

Isso faz dEle O ÚNICO – *“verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”*, conforme o descreve o Credo de Calcedônia³. Para ser perfeito Mediador, era necessário que Jesus reunisse, em si mesmo, a plena humanidade (mas sem pecado) e a plena divindade. Nenhum outro, sem preencher essas condições, seria, de qualquer modo, apto a mediar essa relação.

Mas isso não é apenas resultante de sua dupla natureza, senão que, também, resulta dos ofícios que, nessa condição, Ele exerce para com Deus e para os homens, o que explicarei na resposta à terceira pergunta.

³ Credo resultante do Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., a respeito da encarnação e natureza (união hipostática) de Jesus Cristo, que resultou no cisma em que surgiram as igrejas ortodoxas orientais, divergentes daquele credo.

POR MEIO DE QUE OFÍCIOS JESUS MEDIA A RELAÇÃO ENTRE DEUS E OS HOMENS?

A CFB 1689, a partir das Escrituras, afirma que Jesus Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente Homem, é o único Mediador entre Deus e os homens. E afirma que Ele exerce essa mediação por meio de 3 ofícios, exercidos por muitos homens ao longo da história de Israel no Antigo Testamento, de maneira imperfeita e tipológica: profeta, sacerdote e rei.

COMO PROFETA

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas” – assim o autor da epístola aos Hebreus descreve como Deus usou intermediários, desde o início, para comunicar-se com os homens.

Os profetas, entretanto, eram homens como os demais, sujeitos às mesmas limitações de toda a humanidade em sua relação com Deus. Isaías descreveu essa imperfeição da relação do mensageiro com Deus de maneira pungente:

“Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (Is 6:5). Ainda que Deus se revelasse por meio de homens como Moisés, Elias, Isaías e muitos outros, esses homens não podiam ser mediadores perfeitos, porque, conquanto lhes fosse plenamente possível comunicar-se com os homens, seus semelhantes, não era sem terror que percebiam a aproximação de Deus, por causa de sua própria condição. Além disso, a Palavra de Deus era, para eles, frequentemente, um mistério⁴.

“(...) a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, (...)” – ora, é completamente diferente o ofício profético exercido por Jesus. Primeiro, Ele é o próprio Deus, e não um mensageiro humano, imperfeito e em pecado como seus semelhantes. Além disso, Ele é a própria encarnação do Verbo, a

⁴ Efésios 1:9

Palavra de Deus. Ele é Deus e Ele é a mensagem de Deus para os homens. E Ele é, também, o Homem que encarna o Verbo, o Homem que encarna o próprio Deus.

Quando Deus fala a nós pelo Filho, Ele não apenas manda um recado, como fazia por meio dos profetas até João Batista – Ele nos fala diretamente, face a face, por meio do Filho. *“Em sua natureza humana assim unida à divina, na pessoa do Filho, o Senhor Jesus foi santificado e ungido com o Espírito Santo, sobremaneira. NEle se encontram todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, porque aprouve ao Pai que nEle habitasse toda plenitude”* – mas Ele não é apenas Deus, mas também Homem. Assim, como Homem e como Deus, Ele comunica a Si mesmo como a Palavra de Deus a todos quantos estiverem nEle, pois *“a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”* (Jo 1:12), porque *“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”* (Jo 1:14). Assim, quando nos fala, não fala como de *“algum outro”*, mas de Si mesmo. E fala a nós como *“amigos”* (Jo 15:15) confiantes, não como a inimigos aterrorizados.

COMO SACERDOTE

“(...) todo o sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados; e possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza. E por esta causa deve ele, tanto pelo povo, como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados.” (Hb 5:1-3)

A tarefa do sacerdote é levar a Deus as ofertas e sacrifícios que tornam Deus propício (ou favorável) ao povo. E, para que possa fazê-lo, deve ele, solidariamente, ser capaz de participar do sofrimento daqueles que, por seu intermédio, pedem o favor de Deus e oferecem sacrifícios que O agradem.

O sumo-sacerdote da linhagem de Arão podia, sim, compadecer-se de seus semelhantes, visto que, também ele, era pecador e carecia, como os demais, da glória de Deus. Mas, por isso mesmo, ele mesmo não podia mediar

perfeitamente, permanecendo à distância, entrando no Lugar Santíssimo apenas uma vez por ano e, assim mesmo, não sem antes purificar-se especialmente para essa ocasião. Mais do que isso, o sumo-sacerdote não podia mais do que acessar *“templos feitos por mãos de homens”*, nos quais *“o Altíssimo não habita”* (At 7:48). E a ele, Deus apenas se manifestava por meio de sinais convencionais de sua presença, como o fogo e a nuvem.

Mas, agora, *“(…) temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, (…)”* (Hb 4:14).

A tenda e os templos feitos por mão de homens já não existem. E o véu do último templo, que separava o Lugar Santíssimo, foi rasgado. Porque este *“grande sumo-sacerdote”* penetrou os céus... É por isso que o apóstolo diz: *“Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens. Ora, isto – ele subiu – que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus”* (Ef 4:8-10). Não é, como os outros, um filho de Adão, pecador, mas o Filho, perfeito Deus, que *“(…) se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai (…)”* (Jo 1:14).

Não ansiava Ele por ser aceito na tenda, como o sumo-sacerdote da linhagem de Arão e todos os demais homens, mas Ele mesmo é que veio do céu, a morada eterna de Deus, e para lá voltou a fim de levar o nosso pleito ao Pai.

Entretanto, não apenas era Ele o Sumo-Sacerdote perfeito, mas ofereceu o sacrifício perfeito e definitivo – Seu próprio corpo e Seu sangue, corpo e sangue do Cordeiro de Deus, não os dos cordeiros dos homens.

Não sendo Ele filho de Adão, mas de Deus, tomou, entretanto, sobre Si, o pecado dos filhos de Adão e ofereceu a Si mesmo como propiciação por aqueles a quem convinha que Deus mostrasse a Sua graça. Mas, ao oferecer-se, ainda que não fosse filho de Adão, foi como Homem perfeito que ofereceu-se, de modo que, nEle, cumpriu-se o veredito de Deus: *“Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”* (Gn 2:17). Deste modo, morreu

o Homem por causa do pecado do Homem, como exige a justiça de Deus. Deste modo, fica satisfeita a justiça de Deus, porque a ofensa foi plenamente vingada.

Assim, como sacerdote, mediu a oferta perfeita – o Cordeiro de Deus, que, segundo Abraão, *“Deus proverá”* – e definitiva: *“(…) porque isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo”* (Hb 7:27).

COMO REI

“E, para nosso resgate e segurança, contra nossos adversários espirituais, precisamos de seu ofício real para nos convencer, subjugar, atrair, sustentar, libertar e preservar para o seu reino celestial.”

Curiosamente, *“(…) depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho”* (Mc 1:14,15).

A Boa Nova não era *“Só Jesus Cristo salva”* ou *“Cristo é a única esperança”*, então, *“aceitem-me como seu Salvador pessoal”*, mas *“O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo – arrependam-se e deem crédito a essa notícia”*.

Da ameaçadora promessa do Salmo 2:6 – *“Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião”* – ao desvelamento do *“mistério da sua vontade”*, a de *“tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”* (Ef 1:10), tudo diz respeito ao Filho de Davi, *“que vem em nome do Senhor”* (Mt 21:9), de quem diz o salmista: *“O Senhor, digno de louvor, invocarei, e de meus inimigos ficarei livre,”* (II Sm 22:4).

É nessa condição e por esse ofício que Ele, *“(…) a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome”* (Jo 1:12), de modo que ao apóstolo foi possível dizer *“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e coerdeiros de Cristo”* (Rm 8:17) e *“também com Ele reinaremos”* (II Tm 2:12).

COMO NOS APROVEITA A MEDIAÇÃO DE JESUS?

De acordo com a CFB 1689, a partir da compreensão que tiveram nossos pais batistas do século XVII a respeito das Escrituras, muitos são os benefícios que nos advêm da mediação de Jesus, em cada um dos ofícios pelos quais Ele tornou efetiva essa mediação. Vamos destacar, neste estudo, apenas alguns deles.

O CONHECIMENTO DE DEUS

Porque Jesus não é apenas um mensageiro, como os anjos (Hb 1:4,5) ou os profetas do AT (Hb 1:1,2), mas *“o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa”* (Hb 1:3), *“Quem me vê a mim vê o Pai”* (Jo 14:9).

Seria impossível, por qualquer meio, exagerar a excepcionalidade desse conhecimento, o valor e o proveito que há em que conheçamos a Deus, porque *“ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”* (Lc 10:22).

Já não é *“Deus abscondito”*, mas *“Emanuel, que traduzido é: Deus conosco”* (Mt 1:23).

A LIBERTAÇÃO DO PECADO

Esse benefício se apresenta de muitas maneiras: perdão, justificação, santificação. Significa que já não somos acusáveis nem é possível que sejamos condenados – *“Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós”* (Rm 8:33,34).

Assim, também, não estamos sujeitos ao castigo – *“certamente morrerás”* – porque *“Porque estou certo de que, **nem a morte**, (...), nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”* (Rm 8:38,39).

A CERTEZA DA RESPOSTA À ORAÇÃO

“E esta é a confiança que temos nEle, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve” (I Jo 5:14). Ou como disse o próprio Cristo, *“(...) tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho”* (Jo 14:13).

Uma vez que oramos *“no nome dEle”*, embora não saibamos pedir como convém, contamos com *“o mesmo Espírito [que] intercede por nós com gemidos inexprimíveis”* (Rm 8:26). E qual é esse Espírito, senão o Espírito de Cristo, o Mediador, do qual Ele dá testemunho em seu discurso final aos discípulos (Jo 14-16).

Além disso, essa certeza relaciona-se com aquele conhecimento de Deus, revelado a nós pelo próprio Cristo, segundo quem *“Naquele dia pedireis em meu nome, e não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai; pois o mesmo Pai vos ama, visto como vós me amastes, e crestes que saí de Deus”* (Jo 16:26,27) e *“Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer”* (Jo 15:15).

SOLI DEO GLORIA.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DECISÃO

1. Quais são as implicações da mediação de Jesus na maneira como nós oramos? O que significa “orar em nome de Jesus”?
2. A CFB 1689 afirma a mediação de Jesus em nossa relação com Deus. Há, também, algum sentido em que Ele é mediador de nossa relação uns com os outros? Que implicações isso traz para os relacionamentos na Igreja?
3. Se Jesus, Homem, é o único mediador entre Deus e os homens, que implicações isso acarreta para a Igreja, que é o Seu corpo, em suas relações com o mundo?